**ARTE-EDUCAÇÃO DECOLONIAL: PERFORMANCE NA IDENTIDADE DE POVOS DAS ÁGUAS E FLORESTAS**

DECOLONIAL ART EDUCATION: PERFORMANCE IN THE IDENTITY OF WATER AND FOREST PEOPLE

Talita Araújo Queiroz¹

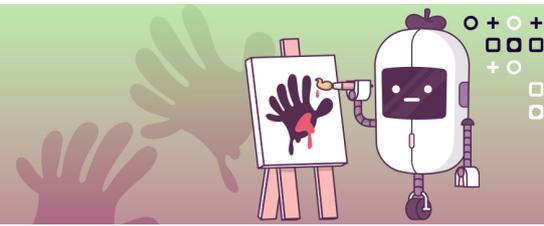
SEMED – Manaus – taibestmusic@gmail.com

RESUMO: O presente artigo é um relato de experiência de performances artísticas desenvolvidas na disciplina de Artes de uma escola municipal, situada às margens do Rio Negro (afluente Tarumãzinho). Sob a ótica de que a educação e a arte podem contribuir na abertura de reflexões e expandir a criticidade do aluno, é que se faz a justificativa da utilização das práticas pedagógicas decoloniais durante as aulas de artes, e a performance surge como meio de trabalhar os corpos e identidades, que abarcam todas as expressões, pois o corpo não é só o meio para representação de um tema, mas é ele a própria arte. O objetivo deste trabalho é relatar os processos de desempenho dos alunos durante as aulas de artes, discutir as contribuições das artes para a vivência pedagógica local e artística, procurando caminhos e novos horizontes epistemológicos para resistência amazônica em contexto decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade, Arte-educação, Performance

ABSTRACT: *The present article is an experience report of artistic performances developed in the Arts discipline of a municipal school, located on the banks of the Negro River (Tarumãzinho tributary). From the point of view that education and art can contribute to the opening of reflections and expand the student's criticality, the use of decolonial pedagogical practices during art classes is justified, and the performance emerges as a means of working with bodies and identities, which encompass all expressions, because the body is not only the means of representation of a theme, but it is the art itself. The objective of this work is to report the students' performance processes during art classes, discuss the contributions of arts to the local and artistic pedagogical experience, looking for paths and new epistemological horizons for Amazonian resistance in a decolonial context.*

KEYWORDS: Decoloniality, Art-education, Performance.



1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é um relato de experiência de performances artísticas desenvolvidas na disciplina de Artes da Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, situada às margens do Rio Negro (afluente Tarumãzinho) e que tem como participantes alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. A escola situa-se na comunidade Nossa Senhora de Fátima e recebe alunos das comunidades: Abelha, Acural, Livramento, Ramal Boca da Onça, Ramal do Pau Rosa e adjacências de Fátima.

A cultura ribeirinha se vê resistindo nesta contemporaneidade adicionando e/ou modificando a tradição de hábitos e/ou nas extensões das novas maneiras de se viver à beira do rio. E mesmo que ao longo dos anos muitas coisas tenham mudado, o sistema de pensamento e atitude de colonizado perdura e deixa marcas sobre marcas no imaginário social, na identidade, na subjetividade do morador ribeirinho. Esse tentar sobreviver à realidade costumeira e/ou ainda buscar a dominante modernidade, é que desvaloriza sua identidade, seus saberes e suas características atuais do presente em que estamos. Sob a ótica de que a educação e a arte podem contribuir na abertura de reflexões e expandir a criticidade do aluno, é que se faz a justificativa da utilização das práticas pedagógicas decoloniais durante as aulas de artes, e a performance surge como meio de trabalhar os corpos e identidades, que abarcam todas as expressões, pois o corpo não é só o meio para representação de um tema, mas é ele a própria arte.

O objetivo deste trabalho é relatar os processos de desempenho dos alunos durante as aulas de artes, analisar as contribuições da disciplina de artes para a vivência pedagógica local e artística de alunos da educação básica e interpretar os impactos que as atividades performáticas têm causado em suas vivências, procurando caminhos e novos horizontes epistemológicos para resistência amazônica em contexto educacional decolonial.

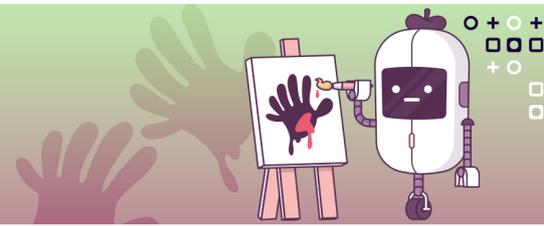
2. DECOLONIAL, DECOLONIZAR & DECOLONIALIDADE?

A pedagogia decolonial se refere primeiro a uma crítica teórica geopolítica do conhecimento, o segundo conceito se refere a visibilizar e emancipar a episteme dos saberes latino-americanos. Dessa forma, dar a conhecer e valorizar as práticas, as relações sociais e epistêmicas da educação, respeitando sua diversidade cultural e suas expressões artísticas.

Esta perspectiva é pensada a partir da ideia de uma práxis política contraposta à geopolítica hegemônica monocultural e monorracial, pois trata-se de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que têm como horizonte de suas práticas e relações sociais a lógica epistêmica ocidental, a racialização do mundo e a manutenção da colonialidade. (WALSH; OLIVEIRA E CANDAU, 2018, p. 05)

Pedagogicamente falando, decolonizar é uma práxis baseada numa proposta de insurgência educativa, em que insurgir representa a criação e a construção de novas condições de pensamento, práticas que se projetam muito além da ideia de transmissão de saber, que não atinjam somente espaços educativos formais da sala de aula, mas tudo o que se conecte como política cultural. De acordo com Lino (2018) “é um conhecimento que não se organiza somente na teoria, mas nas práticas sociais, culturais e nas práticas pedagógicas, tornando os saberes emancipatórios e renovadores.”

Essa necessidade (insurgente) de reconhecermos nossos próprios saberes como latino-americanos, nos faz refletir sobre nossas práticas docentes e, para isso, é preciso assumir uma postura decolonial antes do fazer pedagógico decolonial. Sobre isso, Lino (2018) diz que “é preciso estar presente nesse legado político epistemológico que se transforma em conhecimento de resistência, afirmação e conhecimento



de existência”; contextualizando e observando as nossas realidades, respeitar o lugar onde se está inserido, sem romantizar, mas ressignificar e trabalhar para o que se pode melhorar.

A Decolonialidade é uma concepção epistemológica lida e estudada no Brasil há pouco mais de 10 anos, no entanto, em nossa região ainda se faz necessário aprofundar, dialogar e fazê-la circular nas diversas áreas do conhecimento, principalmente na educação e na Arte. Para entender a caracterização desse tema precisamos apresentar alguns dos principais intelectuais decoloniais que se destacaram nessa pesquisa que vão dos pensadores clássicos que radicalizam a crítica à modernidade e ao eurocentrismo como: Aníbal Quijano (sociólogo), Enrique Dussel(filósofo) e Immanuel Wallerstein (sociólogo) e o grupo que tem como premissa a renovação do pós-colonialismo como Santiago Castro-Gomez (filósofo), Ramon Grosfoguel (sociólogo), Eduardo Restrepo (antropólogo), Nelson Maldonado (filósofo), Walter Mignolo (semiólogo), Arthuro Escobar (antropólogo) e Catherine Walsh (linguista conhecida como a pedagoga da Decolonialidade). E para contribuir na perspectiva teórica de Colonialidade temos alguns pensadores que auxiliam e mostram um norte dessas concepções, e citamos: Frantz Fanon, Miguel Nenevé, Thomas Bonnici, Homi Bhabha e Albert Memmi, Zulma Palermo.

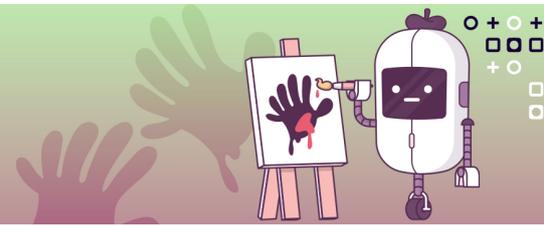
Estes e outros pensadores se empenharam em questionar e confrontar a lógica dominante eurocêntrica em várias perspectivas de forças, seja ela histórica, política, social e epistemológica, o que bastou para que essas abordagens tomassem rumos diversos para outros campos de estudos e temas afins. Mignolo (2017); Reis e Andrade (2018) citam que “o surgimento dessas concepções e contribuições vieram de uma conferência internacional de 1955 em Bandung (Indonésia) onde reuniram-se diversos representantes do continente africano e asiático para falar de epistemologias subalternas.” (apud FELLINI e FRANZI 2020 p.08). De lá para cá as investigações sobre subalternização mexeram com as estruturas do pensamento de colonialidade e colonialismo, desdobrando todas as vertentes nessa longa jornada de “descolonizar” a ideia de subalternizado-colonizado. Sobre isto Ortiz (2020) diz que:

A Colonialidade teve suas raízes fincadas na parte mais profunda do sujeito colonizado. O colonialismo, não foi só no âmbito histórico, social, cultural e epistemológico, mas também, no amor próprio do sujeito pela vida e pelo o que ele é.

No desafio da autoatualização dos professores de arte, o intuito da arte-educação decolonial não é invalidar o conhecimento das artes europeias, mas dar vida e voz às artes canceladas pela visão hegemônica, e poder representar essa diversidade que o contexto amazônico tem com as produções artísticas desses corpos mestiços, caboclos-indígenas e afroamazônidas das comunidades ribeirinhas e também da cidade.

O/a educador/a tem um papel de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a existência de conflitos. O desafio está em promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes, exercícios em que promovamos o colocar-se no ponto de vista, no lugar sociocultural do outro, nem que seja minimamente, descentrar nossas visões e estilos de afrontar as situações como os melhores, os verdadeiros, os autênticos, os únicos válidos. (CANDAUI 2008, p.31)

E como o professor de artes tem essa possibilidade nas mãos, principalmente quando se trata de colocar o currículo para os alunos, tudo é uma desconstrução com relação à sua própria postura metodológica, ou seja, visibilizar as expressões de identidade local com essa dimensão pedagógica decolonial. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) flexibiliza isso no sentido de que ela também tem a iniciativa de valorizar os saberes do nosso país.



No Ensino Fundamental- Anos Finais, é preciso assegurar ao aluno a ampliação de suas interações com manifestações artísticas e culturais nacionais e internacionais, de diferentes épocas e contextos. (BRASIL, 2018, p.205)

O professor tem a compreensão de que essas abordagens articulam de forma indissociável e simultânea, as relações e contextos sociais dos sujeitos na interação com nossa arte e a nossa cultura.

3. PERFORMANCE E IDENTIDADE

A performance vem do conceito de utilizar o corpo como meio de expressão, o corpo e suas ações acabam se tornando a própria obra de arte. Gestado pelos primeiros manifestos lidos em público dos artistas no movimento futurista, mais tarde ganhou apresentações dos movimentos dadaístas e surrealistas ampliando os limites do que era aceitável. Esta linguagem artística passou por muitas hibridizações como os happenings, body-art até chegar na performance art. Ela acontece por meio de vários diálogos entre as linguagens artísticas trazendo uma forte carga conceitual que perpassa todos os caminhos do qual a arte vem atravessando.

Já o discurso sobre o corpo e a imagem dentro da performance por sua vez está para além daquilo que a língua constrói e se faz legível. É uma expressão que se constitui de sentidos, perpassa a comunicação e ultrapassa a compreensão do que é apenas visual, gestual ou encenado.

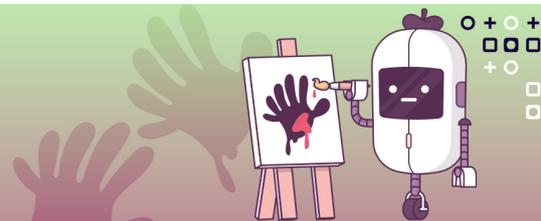
Como o dizível atravessa e/ou é atravessado pelo visível? [...] o corpo pode ser analisado como visibilidade configurada em unidade como imagem (estática ou em movimento), em sua possibilidade bi ou tridimensional (como no caso das esculturas ou dos próprios corpos) e de motilidade (como o corpo na dança, dos gestos, por exemplo) ou não. Essa visibilidade significa junto com outras materialidades, como a língua e o som, ao serem interpretadas pelo sujeito em determinadas condições na relação com o discurso. Discurso, nesse sentido, é entendido de maneira complexa e em um movimento de vitalidade intelectual com base em proposições de diferentes disciplinas e áreas do saber que, de alguma forma, convergem para e sobre os variados tipos de corpora de pesquisa. (HASHIGUTI, 2019 p.19)

4. METODOLOGIA

Com o propósito de provocar o aluno da floresta e das águas por meio da performance como linguagem artística está para uma percepção sensível do ambiente, a reflexão, a imaginação, a interpretação e a produção de visões de mundo diferenciadas, procurando também abordar essa realidade de forma qualitativa, relacionando com concepções que geram fenômenos para essa interpretação aprofundada e de como cada aluno constrói essas significações.

Como sujeitos da pesquisa estão os estudantes, moradores das Comunidades: Nossa Senhora de Fátima, Abelha, Comunidade do Acural, Ramal Boca da Onça, Comunidade do Livramento e Ramal do Pau Rosa. Os participantes são alunos regularmente matriculados, com idade entre 13 e 15 anos. Fazer parte dessa vivência social e cultural correlacionada com as diversas linguagens artísticas torna a pesquisa um fator etnográfico principal de condução do estudo como arte-educadora e pesquisadora.

As abordagens foram feitas tanto de maneira expositiva com vídeos, rodas de conversa e textos escritos sobre os conceitos de performance, quanto de maneira prática e exploratória, com exercícios de consciência corporal. De natureza aplicada no desenrolar dos procedimentos, os alunos foram escrevendo seus próprios programas performativos como parte das atividades de produção artística, tornando-se uma importante coleta de dados; escreveram ações, estado e condições emocionais,



figurino, cenário, expressos por algum tema que eles próprios escolheram em seus estados de inquietação e reflexão sobre o tema. Foram tiradas fotos como registro (foto-performance) para evidenciar a obra, bem como gravações do momento de produção da obra. As questões norteadoras e as reflexões estavam para concatenar com a capacidade criadora e de como ela pode se aproximar da realidade deles.

Figura 1 – Obra: ambiente de corte.



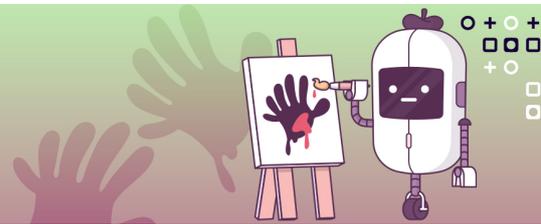
Fonte: Talita Araújo Queiroz (arquivo pessoal). Foto:28/09/21

No primeiro dia a classe é levada por mim, a um território aberto ao lado da escola, onde algumas árvores foram derrubadas para construção de casas. Em ambiente ribeirinho é comum acontecer cenas desse tipo. Uma classe com poucos alunos e então iniciamos um protocolo de segurança (contra COVID-19) em que se manteve o distanciamento e todos os alunos estavam com suas devidas máscaras; levamos álcool para que todos higienizassem suas mãos e evitassem tocar nos outros.

A performance iniciada por mim, no qual proponho um tema e descrevo para os alunos minhas ações e gestos a partir do exercício proposto da escrita performativa. É pedido que todos observem e somente em sala de aula questionaremos as provocações, percepções, opiniões e sentidos. Trânsito pelo território, e encontro um corpo em estado de corte/morte, e interajo com este corpo, me faço parte desse corpo, trânsito pelo território de corte e silenciosamente me retiro do espaço.

Ter uma atividade artística iniciada pela própria professora, foi de suma importância para os alunos, pois puderam ter segurança para criar suas próprias performances sem crenças limitantes.

O tema escolhido por uma aluna do 9º ano, retrata um pouco dos seus questionamentos sobre árvores como corpo (ser), suas reflexões e sensibilidades a partir de temas e leituras trabalhadas em sala de aula. Ao conectar o fone a uma árvore, seus ouvidos sangram, ela interpreta essa audição e se debruça em abraço para consolar a árvore. Elas se abraçam na intenção de que este corpo (ser) foi devidamente



ouvida e acalentada. Essas e outras performances que foram propostas feitas a partir de suas vivências demonstra que basta uma proposta metodológica que visibiliza sua criatividade e suas expressões.

Figura 2 – Obra: Conectadas.



Fonte: Talita Araújo Queiroz (arquivo pessoal). Foto:29/09/21

5. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

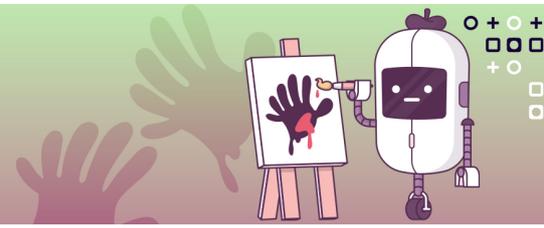
A atividade procurou desenvolver a capacidade criadora de maneira a interagir no entorno do ambiente escolar, na comunidade e do que observam cotidianamente. As fotos levaram a uma estesia e crítica onde o próprio aluno é o protagonista desse contexto histórico. A partir da percepção e interpretação do sujeito sobre sua experiência ou fruição também trouxe reflexão para a sala de aula, pois os alunos opinavam entre si sobre seus conceitos pós foto.

Arte educação Decolonial na escola é contributivo, pois propõe a necessidade de reconhecer, valorizar e acolher o repertório e a visão estética que o estudante traz de seu ambiente familiar, para que, no ambiente público e democrático, seja possível tornar visíveis e reconhecer as estruturas de dominação que se estabelecem na sociedade entre as interações verticais e horizontais de conhecimentos e saberes, forças e poderes. Nesse sentido, este trabalho tem o intuito de fazer a classe docente e de pesquisa conhecerem e estimularem a construção de outras pesquisas sobre o assunto aqui analisado.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação, interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Revista Brasileira de Educação, v.13, n.37, Rio de Janeiro, 2008



FELLINI, Dinéia Chizzo N; FRANZI, Juliana. **Aportes de Paulo Freire para a Formação docente na perspectiva da pedagogia decolonial.** Revista digital SURES. ED.14.junho/20. UNILA - Formación Docente em América Latina: La Pedagogia Decolonial em debate. Pág.07-14 acesso: 15/05/21

HASHIGUTI, Simone Tieme. **O corpo e a Imagem no discurso** [Recurso eletrônico]: Gêneros híbridos. Uberlândia: EDUFU, 2019. (Linguística IN FOCUS; V.12) Acesso: 10/10/2021

LINO, Nilma. **II Seminário de Formação Política do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturais.** 19/setembro/2018. acesso: 24/05/21 endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=pw8MqYauzc0>

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje.** REVISTA: EPISTEMOLOGIAS DO SUL FOZ DO IGUAÇU/PR. n.1 volume 1. 2017 pág.12-32 acesso: junho/2021

ORTIZ, Carlos Eduardo do Vale. **Docência e Colonialidade: É possível haver libertação?** Revista digital SURES. ED.14.junho/20. UNILA - Formación Docente em América Latina: La Pedagogia Decolonial em debate. Pág.07-14 acesso: 15/05/21

REIS, M.N; ANDRADE, M.F.F. **O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas.** Revista Espaço Pedagógico. N.202, março 2018.

WALSH, C; OLIVEIRA L.F; & CANDAU V.M. **Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra.** Revista AAPE -Arquivos Analíticos de políticas educativas ,v.26; n.83 23 de julho de 2018. Acesso: 16/07/21. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/ojs/article/view/3874>

Este Artigo foi apresentado originalmente no I Seminário do Prof-Artes – ONLINE. Poéticas e Práticas de Reinvenção na Pesquisa e Formação em Artes no Amazonas, realizado nos dias 02, 03 e 04 de dezembro de 2021, na Cidade de Manaus – Amazonas.